

A geografia cultural e suas contribuições para a construção do saber por meio da festa junina em Boa Vista/RR

Cultural geography and its contributions to the construction of knowledge through the festa junina in Boa Vista/RR

Glauciene Dutra Silva

Doutoranda em Educação na Amazônia, pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Mestre em Sociedade e Fronteira, pela Universidade Federal de Roraima – UFRR. Graduada em L/B em Geografia, Pedagogia e Psicopedagogia (UFRR e UNINTER). Email: glaucy_silva17@hotmail.com

Wellen Crystinne de Araújo Sousa e Silva

Doutoranda em Educação na Amazônia, pela a Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Mestre em Letras pela Universidade Federal de Roraima – UFRR. Graduada em letras Português/Inglês e Língua Portuguesa Básica (UESPI e FAEL). Professora de Língua Inglesa e Língua Portuguesa na educação básica. Email: wellencryst@gmail.com

Leila Adriana Baptaglin

Pós-doutorada em Filosofia e Ciências Humanas em Nuestra América na Universidad Nacional Experimental Simón Rodríguez, UNESR, Venezuela (2018-2019). Professora/pesquisadora auxiliar 40hs do curso de Artes/Licenciatura da Universidade Federal de Roraima – UFRR. Coordenadora do grupo de estudos e pesquisas em Patrimônio, Arte e Cultura na Amazônia (GPAC). Email: leila.baptaglin@ufr.br

Resumo

Este artigo objetiva compreender a Geografia Cultural e suas contribuições para a valorização da cultura da festa junina, como mediadores na formação sociocultural dos sujeitos envolvidos, com recorte para Boa Vista/RR. Para isso, foi necessário, uma leitura sobre a Geografia Cultural e suas aplicabilidades, correlacionando sua estreita relação com as práxis realizada dentro de um determinado espaço. A questão norteadora, se volta para entender como os movimentos culturais intervêm nos saberes dos envolvidos e para com a valorização das manifestações culturais. A pesquisa foi realizada através de um levantamento do estado do conhecimento, no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, entre os anos de 2018 a 2020, com o descritor “geografia cultural”. Com base nesta investigação percebemos que a Geografia Cultural, por meio de suas aplicabilidades, tem conceitos sólidos que respaldam que os movimentos culturais, podem despertar e construir novos saberes nos sujeitos, diante das suas próprias ações em grupo.

Palavras-Chave

Movimentos Culturais, Cultura, Saberes.

Abstract

This article aims to understand Cultural Geography and its contributions to the appreciation of the June festival culture, as mediators in the sociocultural formation of the subjects involved, with a focus on Boa Vista/RR. For this, it was necessary to read about Cultural Geography and its applicability, correlating its close relationship with the praxis carried out within a given space. The guiding question is aimed at understanding how cultural movements intervene in the knowledge of those involved and towards the appreciation of cultural manifestations. The research was carried out through a survey of the state of knowledge, in the Catalog of Theses and Dissertations of CAPES, between the years 2018 to 2020, with the descriptor "cultural geography".. Based on this investigation, we realized that Cultural Geography, through its applicability, has solid concepts that support that cultural movements can awaken and build new knowledge in subjects, in the face of their own group actions.

Keywords

Cultural Movements, Culture, Knowledge.

Introdução

Festejar e celebrar os acontecimentos da vida, desde as conquistas mais simples as mais complexas, sempre foram ensejos para os sujeitos comemorarem, independente da fase em que a sociedade se encontrava. As festas sempre estiveram presentes, sendo parte da estrutura da sociedade, no qual ela apenas se reconstrói de acordo com o momento e contexto em que atuam, apresentando maneiras distintas de se representar, despertando desejos e objetivos diferentes, que vão desde as festas sagradas até as mais profanas.

Realizar uma festa de grande porte, como as festas juninas esteve fora de contexto, devido ao momento atual provocado pela pandemia do COVID-19, nos anos de 2020 e 2021, em Boa Vista/RR. Os festejos juninos como facilitadores da integração social nos espaços concretos, que por sua vez conquistam espaços planejados para sua realização, se veem obrigado a criar campos para sua atuação, pois o momento exige um novo recorte das festas e das danças de quadrilha para se manter presente, mesmo em um cenário pandêmico. Esse movimento cultural alcança diferentes públicos em que cada um apresenta sentimento de apego distinto. Ocorre da seguinte forma: um determinado grupo espera para dançar a quadrilha junina e o outro para prestigiar a festa em sua totalidade. Muitos participam destes momentos pelas comidas típicas e as brincadeiras que a festa oferece, dentre outros motivos. Ela abrange uma diversidade de interesses alinhados a um movimento cultural.

Destarte, as festas juninas como objeto desta pesquisa ganham relevância por agregarem no campo social um sentimento de valor, apego e respeito onde os indivíduos envolvidos criam uma dedicação para manter as festas juninas presente no meio social, independente do momento pelo qual a sociedade vem passando.

A importância de manter ‘viva’ as festas juninas abrangem também os agentes econômico, políticos e socioculturais. Vale destacar que antes dessa nova política de distanciamento social e não aglomerações, as festas tinham grande poder econômico para sua localidade, gerando empregos diretos e indiretos por períodos de até seis meses, com as confecções das roupas, dos adereços, cenário, assim também como nos dias do evento com as vendas de comidas típicas, bebidas, brinquedos e vários outros produtos.

Ressaltando a comercialização das músicas criadas pelos grupos de quadrilhas, em que amiúde são vendidas antes de serem usadas nos dias dos festejos. As músicas apresentadas pelos grupos de quadrilhas devem ser inéditas, no qual cogite o tema que o grupo vai abordar em sua dança, sendo um quesito avaliado pelos jurados. Como acontece esse entreposto? Os grupos de quadrilha criam e lançam suas músicas nas plataformas digitais, e despertando o interesse por outros grupos, de outros estados, valorizando desta forma a arte da criação de músicas junina pelos grupos e destacando o Estado de Roraima no cenário nacional.

Essa comercialização valoriza o modo como a cidade Boa Vista/RR vem se promovendo culturalmente em suas atuações de realizar as festas e quadrilhas juninas. Boa Vista/RR conseguiu alcançar com sua acuidade o status de uma das mais importantes produtoras de festas juninas em nível nacional e um dos principais movimentos culturais da região. Dedicação e valorização da cultura local são elementos dos grupos de quadrilhas que os fazem reiteradamente se tornam referência para quadrilhas de outros Estados. A partir dessas construções coletivas é que as festas juninas se tornaram relevantes e mais valorizadas pelos agentes sociais.

A festa junina em Boa Vista/RR passou a incluir novas temáticas dentro das noites de arraiais. Uma delas está nas quadrilhas juninas, quando estimulam a arte do saber, do conhecimento de aprender sobre o assunto escolhido para representar nos passos da dança, na música e na roupa (onde muitos dessas temáticas são visto em salas de aulas), e que são representados em formato de dança. O que gera aprendizagem fora dos espaços institucionalizados. Diante disso, o objetivo deste artigo, está em destacar a geografia cultural e suas contribuições para a valorização da cultura da festa junina, como mediadores na formação sociocultural dos sujeitos envolvidos, com recorte para Boa Vista/RR. Pois, a geografia cultural, é uma ciência que se manifesta sobre as dinâmicas do homem sobre o espaço, tendo a cultura como fator que influência nessa interação dos sujeitos com o espaço vivido.

1. Metodologia

A metodologia se baseia em um estudo qualitativo e descritivo, com bases nas leituras e análises dos levantamentos bibliográficos, realizado sobre a temática. Dessa forma o artigo se estrutura em dois momentos. Sendo o primeiro com os estudos bibliográficos, como base para uma fundamentação científica do tema abordado. Para Bastos *et. al* (2000, p. 100), afirma que “a pesquisa bibliográfica é a atividade de localização e consulta de fontes diversas de informação escrita, para coletar dados gerais ou específicos a respeito de determinado item”. A pesquisa bibliografia tem uma finalidade de compreender os conceitos e suas aplicabilidades, diante do objeto de estudo. Essa compreensão permitirá analisar de forma mais aprofundado e fazendo um recorte da pesquisa, por meio do contato com objeto e as pesquisas, com objetivo de ressaltar a melhor compreensão que corresponde com o tema estudado, seguindo com referencial concreto e claro de suas discussões.

Sendo assim, o levantamento bibliográfico foi realizado por meio do estado do conhecimento, no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, entre os anos de 2018 a 2020, com o descritor “geografia cultural”. Uma outra grande contribuição, foram os apontamentos dos autores, Correa (2009) e Claval (2011), como referências que fortalece essa discussão sobre a geografia cultural. E, o segundo momento, deu-se pela escrita do artigo, posteriormente de uma leitura com fichamento dos referenciais onde foi possível realizar uma análise crítica através das informações levantadas.

Diante disso, a pesquisa bibliográfica contribuiu para respaldar que as dinâmicas das festas juninas em Boa Vista/RR, são movimentos culturais, com ações que vão ao encontro com o que a geografia cultural estuda em seus campos de atuações.

2. Levantamento bibliográfico

A Geografia Cultural é uma ciência humana, que se destaca por estudar as idealizações e abstrações do homem sobre o espaço físico. Portanto, essa pesquisa se sustenta em outras investigações já concluídas. Assim, com base nos estudos feitos com o estado do conhecimento, coletado no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, entre os anos de 2018 a 2020 (Vale ressaltar, que parte dessa construção ainda se encontra em andamento, onde será catalogado os anos de 2021 e 2022), tendo como palavra-chave “Geografia Cultural”, com refinamento nas teses de doutorados. Por conseguinte, foram encontradas 21 teses de doutorados nos anos de 2018 (08 teses), 2019 (11 teses) e 2020 (02 teses).

De acordo com o catálogo, a grande área de conhecimento de estudo das teses, são das ciências humanas. Delimitado dentro das áreas de Geografia e História. Com linhas de

pesquisas com enfoque: natureza e produção do espaço; gestão e estruturação do espaço geográfico; análise do espaço geográfico; análise espacial. Os dados coletados expõem que os estudos da Geografia Cultural estão inteiramente ligados com a interação entre o homem e seu espaço habitado. Por isso, fica nítido que as abordagens, os objetos e sujeitos de estudos estão cada vez mais heterogêneos e com apontamentos modernos, desprendendo dos elementos da categoria geográfica e transpassando para todos os diferentes conteúdos promovidos pelo homem. A tabela a seguir mostra a dinâmica e os diferentes enfoques pelo qual a Geografia Cultural permeia.

Tabela 01: Catálogo de Teses de 2018 a 2020.

Titulo	Autor	Ano	Palavras-chaves
Fitogeografia urbana e condicionantes socioambientais em Aracaju-se (1978-2018)	Judson Augusto Oliveira Malta	2018	Geografia socioambiental, fitogeografia, paisagem urbana, Análise sistêmica, modelagem.
Protagonismo sociocultural do zé pereira do club dos lacaios em ouro preto/ mg: paisagem festiva e patrimônio intangível	Gabriela de Lima Gomes	2018	Geografia cultural, etnogeografia, paisagem Festiva, carnaval, patrimônio, preservação
“A paisagem cultural às margens do rio todos os santos na cidade de teófilo otoni, minas gerais”	Larissa Duarte Araujo Pereira	2018	Fenomenologia, geografia humana, percepção da paisagem; Rio Todos os Santos.
Alfama, mouraria e bairro alto: distintas territorialidades e a constituição de processos diferenciados de territorialização do fado na cidade de lisboa.	Ricardo Nicolay de Souza	2018	Fado, paisagem, território, territorialidade, processos identitários.
Discursos e representações sobre identidades territoriais nas políticas de turismo em goiás	Leonardo Ravaglia Ferreira Goncalves	2018	Identidade territorial, política pública, turismo, Goiás.
Kagwyri’pe jihoi: o território como fundamento do saber tradicional parintintin na aldeia traíra da terra indígena nove de janeiro, humaitá – am	Juliano Strachulski	2018	Povo Parintintin, conhecimentos tradicionais, território. Territorialidade, concepções de natureza.
Resistência cultural num espaço "transmaterial": o significado do templo para a identidade judaica	Diego Lopes da Silva	2018	Templo, geografia da religião, resistência cultural, território.
A contribuição da estrutura de sentimento dos artesãos do couro para o cariri cearense	Priscila de Oliveira Romcy	2018	Artesãos do couro, Cariri cearense, estrutura de sentimento
Identidades Territoriais nas Comunidades Afrodescendentes Urbanas: do cerrado de Goiás aos igarapés do Amapá	Fatima Sueli Oliveira dos Santos	2019	Quilombos urbanos, identidades territoriais, geografia cultural.
A vida ribeirinha no lugar: da degradação do rio Cuiabá à introdução das peixarias em São Gonçalo Beira Rio e Bonsucesso – MT	Ingrid Regina da Silva Santos	2019	Geografia cultural, identidade, modo de vida, comida, sujeitos.

Rodas em redes geográficas: os caminhos devocionais das caravanas de São Francisco das Chagas de Canindé – CE	Ivo Luis Oliveira Silva	2019	Geografia cultural, geografia do espaço simbólico, peregrinações religiosas, geoetnografia das caravanas, religiosidade - turística.
Paisagem e cultura: transformações na pequena propriedade rural norte paranaense entre 1950 e 1980	Liriani de Lima Santos	2019	Norte do paraná, pequena propriedade rural, geografia Agrária, modernização agrícola, geografia cultural.
Memória de Karbala: A construção do território matriz na cidade de São Paulo.	Karina Arroyo Cruz Gomes de Meneses	2019	Ashura, território islâmico, território matriz, geossímbolos, performance
Paisagem cárstica e turismo no estado de Sergipe	Jorgenaldo Calazans dos Santos	2019	Geoturismo, potencialidades turísticas, paisagem cárstica.
Oásis do Sertão: A Paisagem do Cariri cearense (séc. XIX - XX)	Leandro Maciel Silva	2019	Cariri cearense, paisagem, história ambiental, identidade e alteridade ambiental, história oral
Tomorrowland: imaginações geográficas, corporeidade e a perspectiva experiencial do lugar festivo	Cassio Lopes da Cruz Novo	2019	Tomorrowland, festival de música eletrônica, imaginações geográficas, perspectiva experiencial do lugar festiva, lugar de transcendência.
A interação dos residentes com o espaço e a representação social do turismo a partir da ótica dos Antoninenses	Alcimara Meira Goncalves Andrukiu	2019	Representação social do turismo, turismo e residentes, lugar, antonina (Paraná, Brasil).
“Aqui tudo é do rio, se ele quer levar, deixa levar”: gênero, identidade e lugar das mulheres ribeirinhas em Nazaré, Porto Velho, Rondônia	Rubia Elza Martins de Sousa	2019	Rio Madeira, mulheres ribeirinhas, gênero, identidade, lugar.
Saberes e fazeres de mulheres assentadas: relações de gênero e os processos de empoderamento no território do vão do Paranã (GO)	Livia Aparecida Pires de Mesquita	2019	Mulheres, território, relações de poder, assentamentos rurais.
Santuários católicos oficiais comuns e fabricados na região sul do Brasil: economia, desenvolvimento e significados	Francisco John Lennon Alves Paixao Lima	2020	Santuário oficial comum, santuário fabricado, geografia cultural.
Imigração e colonização alemã no vale do Taquari/RS: as continuidades e descontinuidades do processo de identificação territorial	Juliana Cristina Franz	2020	Imigração e colonização alemã, território, cultura, códigos culturais, identidade territorial.

Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Organizado: Silva, 2021.

Diante de um campo amplo de pesquisa, destacamos algumas interpretações sobre os estudos e análises que envolve o termo Geografia Cultural, conforme os autores do estado da arte. Ao todo foram 21 trabalhos que apareceram nas buscas, no entanto, foram priorizados os autores que destacaram sua compreensão sobre a Geografia Cultural. Entre os autores, destacamos Malta (2018, p. 57), que trabalhou em sua pesquisa sobre Fitogeografia do espaço urbano, destaca que a “Geografia Cultural possui uma ênfase nos conceitos correlatos à etnia, à religião e ao gênero, assim como novas abordagens temáticas, teóricas e metodológicas, e a

incorporação da noção de simbolismos, identidades e significados nas análises realizadas”. Isso, deu-se pela constante mudanças sociais, em que, nos tempos atuais as discussões por causas e classes começam a serem indagados por esta ciência, assim novas temáticas socioculturais são inseridas dentro de suas análises, já que são representações do homem, ou seja, a Geografia Cultural não se desliga dos seus objetos de estudos tradicionais, mas, integra novos campos de pesquisa.

Silva (2018) acredita que, “o cerne deste pensamento está ligado a uma concepção de Geografia Cultural Tradicional; porém, já esboçando novas tendências”. Buscar entender as novas tendências está em compreender as complexidades sociais que vão se apresentando com o passar dos anos e a forma como a sociedade vai se organizando e que merece atenção, com estudos que possam explicar tais obscuridade que ainda não são compreendidas.

Para Andrukiu (2019, p. 96), que tem sua pesquisa voltada para o turismo e sua representação com espaço, menciona que, a Geografia Cultural verifica a representação social e afirma que “é na Geografia que se encontram as questões e respostas acerca do espaço, onde se desenvolve a vida social, mas que é, inclusive, o local onde os seus residentes manifestam sentimentos de identidade, de apego ou de desafeição” (ANDRUKIU, 2019, p. 96). Em direção a esse apontamento, Santos menciona que a:

Geografia Cultural, por sua vez, assume grande importância devido à ampla extensão territorial e diversidade histórico-cultural encontrada no Brasil[...]. Reconhecemos na Geografia Cultural uma contribuição sobremaneira importante para o enriquecimento e dinâmica das análises e leituras que se possa fazer da realidade[...], mas também aspectos culturais da sociedade (SANTOS, 2019, p. 20).

Lima (2020, p. 24) estuda a Geografia Cultural como uma metodologia. Para ele a Geografia Cultural tem “significados atrelados às ações humanas que importam à explicação dos fatos narrados na história e a esses significados remetemos o conjunto semiótico de expressividade cultural empregado em sociedade à conceituação de cultura” (LIMA, 2020, p. 24). Nesse contexto, Franz destaca que a:

Geografia Cultural agrega a dimensão imaterial ao conceito de cultura e a valorização do significado e da subjetividade envolta nas ações do indivíduo no cotidiano sobre sua base territorial. A disciplina considera que, a partir da transmissão do conjunto de práticas comuns através das gerações, há continuidade nas práticas culturais, ao mesmo tempo em que também estão suscetíveis às transformações. A atividade humana é ao mesmo tempo material e simbólica, produção e comunicação. Os símbolos podem expressar diversos significados, mesmo que o grupo social tenha a intenção de dotá-lo de apenas um (FRANZ, 2020, p.72).

Diante dos apontamentos sobre a Geografia Cultural, tem-se a ideia de que ela, é uma ciência tradicional, mas que é contemporânea, pois, não se prende a objetos de estudos apenas histórico social, mas que abre um leque para os novos estudos. Franz (2020, p.72) afirma que “[...] a Geografia Cultural contemporânea contém diferenças epistemológicas em seu interior. O seu objeto de estudo fragmenta-se e divide-se em pluralidades e diferenças, com futuros diversos, moldados por múltiplos passados”. Essa análise mostra a Geografia Cultural como um ponto de compreensão das contribuições que a cultura da festa junina agrega na construção de saberes.

Contudo, dos trabalhos analisados que incorpora a Geografia Cultural, ressaltam algum tipo de dinâmica sob o espaço, sem apontar para as festas juninas em Boa vista/RR, o que evidencia a importância dessa reflexão diante desse tema de pesquisa. No qual a

Geografia Cultural torna-se uma espécie de prosa para realçar as dinâmicas que as festas juninas promovem no espaço geográfico e com a interação social.

3. Geografia cultural e suas contribuições para a valorização da cultura

A sociedade é marcada por constantes mudanças, entre elas, estão as atividades realizadas pelo homem, que são atribuídas valores de acordo com a época presente e com o lugar. Devido a isso, a Geografia Cultural aqui mencionada, destaca-se por oferecer uma contextualização com as representações dos grupos sociais. Para tanto, a Geografia cultural nasce no epílogo do século XIX. Assim, como as demais classificações da Geografia, esta área também acarretou inúmeros estudos e discussões sobre sua aplicabilidade. O que não é objetivo desta pesquisa em debruçar minuciosamente sobre os diferentes atributos que lhe foi colocado. Mas, trazer a Geografia Cultural como um elemento que tem muito a contribuir com as diferentes expressões da sociedade. Atribuindo a essa ciência as obras e representações das dinâmicas humanas dentro do espaço terrestre, destacando suas características distintas de um espaço social para outro.

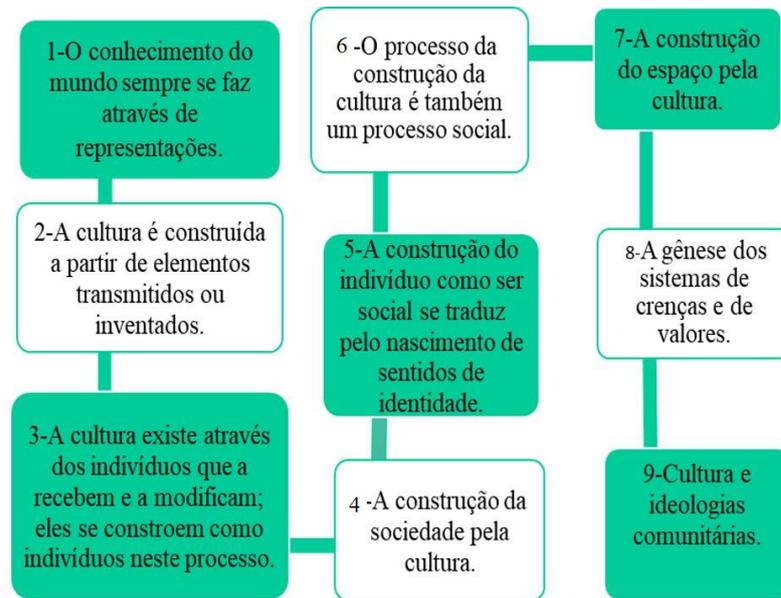
Para Corrêa (2009, p. 05) “a geografia cultural está focalizada na interpretação das representações que os diferentes grupos sociais construíram a partir de suas próprias experiências e práticas”. Deste modo o autor a importância da Geografia Cultural, explicando que a mesma manifesta a interpretação das práticas humanas de um determinado grupo, o qual considera que seu espaço vivido tem o seu valor, agregará nele um sentimento de apego, fazendo daquela porção geográfica um lugar de amplos significados, sentidos, símbolos e signos.

A Geografia Cultural se interessa por particularidades, em que, diferentes lugares do espaço terrestre vão apresentar. São essas particularidades que dão sentido de fazer uma análise das inúmeras singularidades culturais espalhadas pelo mundo, pois qual seria o sentido de se estudar e compreender o que é análogo? Está na Geografia cultural, um dos meios para compreender as diferenças de cada lugar-espaço-território, pois, são os distintos comportamentos/culturas sociais que sustentam e ampliam as discussões com as inúmeras visões de mundo. E suas complexidades serão entendidas de acordo com as interpretações, experiências e vivências. Marcando uma diferença, sendo essa dessemelhança que interessa e faz sentido de analisar e conhecer o OUTRO, ou seja, as diferenças que os espaços terrestres podem oferecer. Conhecer o diferente é o que desperta a valorização e a compreensão de mundo.

Sendo assim, conhecer tudo aquilo que se materializa na porção do espaço geográfico pode ser interpretado pela Geografia cultural, no qual os sujeitos que nele habita se comunicam através de suas materialidades/atividades com o lugar. Para Claval (2011, p. 09) “a geografia cultural analisa os mecanismos de comunicação que são responsáveis pela construção da cultura. Ela evidencia as fases da construção do indivíduo através da cultura e enfatiza o papel da reprodução e este da invenção”. Temos aqui, a Geografia Cultural sendo uma detentora de responsabilidade de interligar o mundo através da cultura. Fazer com que uma cultura desconhecida seja reconhecida e que por sua vez seja valorizada.

Seguindo com as ideias do autor, a Geografia Cultural tem alguns pontos de contribuição, como mostra a figura 16.

Figura 16: Apontamentos sobre a geografia cultural.



Fonte: Claval (2011).

Compreendendo a imagem acima, Claval (2011), destaca nove pontos que a Geografia Cultural contribui e pode ser analisada sob: no primeiro ponto, o autor aborda a ideia de que o homem não tem um conhecimento direto, pronto e acabado, este depende de suas percepções da superfície terrestre e como ele compartilha delas. O segundo, diz respeito a construção da cultura, sendo ela adquirida através das práticas e ações dos sujeitos, em que os lugares contribuem para transmissão dessa comunicação. Diante disso a Geografia Cultural também se torna um suporte para essa comunicação e aprendizagem desses conhecimentos.

No que se refere ao terceiro ponto, o autor reforça a construção e a transmissão, sendo o indivíduo o elemento central para a Geografia Cultural, pois, o homem passa por fases e constrói sua identidade, suas crenças, seus valores e estes vão se modificando e adaptando. Sobre essa adaptação, que por sua vez ocorre em um determinado grupo social, é o que destaca o quarto ponto onde o indivíduo é apresentado como resultado de um processo social. Se adaptando pelas semelhanças com o grupo, construindo valores, costumes e ações que vão ao encontro do que pensa, sendo parte desse meio social. Por isso, o autor destaca que a Geografia Cultural, sempre será sociocultural. Ela parte de uma construção e formação com consciência, ideias e interesses comuns, por isso essa intrínseca relação do social com o cultural.

O quinto ponto seria uma espécie de resultado do quarto ponto, quando a partir dessa socialização em grupo, este indivíduo constrói suas identidades, seja ela coletiva ou individual. Isso quer dizer que o sujeito tem sua individualidade mesmo sendo parte de um grupo, que depende de suas próprias experiências. O sexto ponto, está em dizer que toda uma sociedade é construída pelos saberes culturais, saberes apresentados pelos indivíduos. O que explica toda uma diversidade, por apresentar distanciamento nas diferenças do EU com o OUTRO, assim como a proximidade das relações e trabalhos em grupos. O sétimo ponto, temos a Geografia Cultural esclarecendo o uso, construção e organização do espaço, espaços esses que se ampliam para o virtual, usando de técnicas para produzir atividades conforme seus interesses. Lembrando que autor realça que uso desses espaços não são feitos de forma igualitária.

A forma como cada sujeito usa o espaço, faz dele ter um papel importante, por conta de suas experiências, é o que trata o oitavo ponto. Imaginar o que tem do outro lado, vai da capacidade de cada um, interpretando de acordo com os valores que se assemelham com o

grupo que está inserido, segundo o autor. E por fim, o nono ponto chama atenção para o conceito de cultura, sendo ela não fixa, mas, como um processo de construção e transmissão de comportamento socioculturais. Ela é considerada pelo autor como instável, que evolui, devido suas múltiplas realidades, por isso alerta o cuidado ao interpretar e querer definir a cultura.

4. A educação por meio dos movimentos culturais, como uma nova organização do saber

A Geografia Cultural aqui apontada, vincula-se as práticas das festas juninas. Já que a Geografia Cultural se utiliza de estudos sociais e das ações humanas. Ela se interessa por todas as diferentes representações inseridas no espaço físico. Portanto, a festa junina de Boa Vista/RR, e aqui destacamos as quadrilhas juninas, enquanto um movimento cultural que se reconstrói diante das mudanças tanto da sociedade quanto dos espaços, contemplando em um dos seus conjuntos de valores culturais, a missão de construir novos saberes e de novos conhecimentos aos sujeitos que dela participam, ou seja, quando os brincantes de quadrilhas adentram na dança, e durante os ensaios, eles devem aprender sobre temática. Entender do que se trata e aprender sobre o tema, para que consiga representá-lo na linguagem da dança, aqui tem-se um processo de construção do conhecimento, sendo construído pela vivência e experiência que está sendo compartilhada.

Vale destacar que além do conhecimento, nenhum sujeito nasce sabendo dançar quadrilha, ele aproxima por compartilhar de sentimentos, desejos e vontade de fazer parte desse grupo sociocultural. Essa cultura não nasce com o indivíduo, ele se adapta conforme suas influências com o meio. Novamente as experiências interferindo nessa construção de identidade e de ser parte do grupo, por isso a cultura é construída. E as quadrilhas juninas constroem e se modificam com o tempo. Dessa forma, o indivíduo continua a compartilhar os saberes. Saberes esses, que envolvem a educação dos seus brincantes. Ampliando seus conhecimentos de mundo, uma vez que, esses conhecimentos/temáticas abordadas nas danças estão ligados ao contexto histórico-social. E que, a partir disso, terá mais oportunidade de se tornar um sujeito participante das atividades do seu entorno, que seja capaz de dialogar a favor do desenvolvimento do espaço social.

Por isso a importância da Geografia Cultural na produção de atividades que favoreçam o intelecto social e com isso, tornem o sujeito capaz de tomar suas decisões, de saber o que está acontecendo no processo histórico no qual vive, deixar ser manobrados e enganado, para que construa uma identidade de sujeito crítico, que entende o que se passa em seu 'mundo'. Isso dependerá da vontade de sair do lugar de apenas receptor de mensagens e de comunicações prontas e acabadas, podendo assim alargar seus conhecimentos. Só assim poderá construir uma sociedade mais igualitária. São conhecimentos que não necessariamente, só se aprende nas instituições formais, mas como também em suas vivências e suas práticas socioculturais. Destaca-se mais uma vez que, educação-conhecimento se constrói com as relações socioculturais criando espaços culturais valorizados.

Diante do que foi mencionado a Geografia Cultural se 'agarra' nas representações socioculturais do homem em seu espaço particular. O seu campo aqui apresentado, se deu para destacar o quão é importante que os sujeitos coloquem isso em discussão. Buscando em seus apontamentos um suporte para valorizar a cultura de cada local. A Geografia Cultural enquanto um caminho para comunicação com os demais lugares, deve ser colocada nos debates, pelo quais os sujeitos tanto lutam por seu reconhecimento.

A cultura de cada lugar deve ser reconhecida e valorizada, pois, muitos lugares ainda se colocam como culturas superiores impondo formas de agir e de se portar menosprezando o

que é diferente. Queremos aqui colocar que independentemente do local ser mais reconhecido do que outro, por suas práticas, não significa dizer que essa ação é mais relevante para o social, do que aquela menos reconhecida. Porém, o grau de importância e valorização da sociedade para com uma prática cultural está ligada, muitas das vezes com que é pregado pelas redes tecnológicas, que impõem o que está em alta ou não. E quando uma sociedade não está desenvolvida intelectualmente de saberes culturais, esta tende a seguir o único modelo, fechando-se para novos debates/diálogos. O que resulta na desvalorização das demais práticas sociais.

É muito comum na sociedade contemporânea visualizar as discriminações socioculturais, que são expostas por aqueles que desconhecem o processo histórico/cultural do lugar e inicia, o que podemos chamar das ‘discussões sem conhecimentos’. No qual o sujeito discute com base apenas na sua verdade de mundo, do que conhece, colocando o outro como sujeito sem lugar e sem verdades, e vice-versa. Aqui, também cabe o papel da educação, contribuir para a formação de cidadãos que sejam capazes de reconhecer a verdade e importância do outro.

Se formos analisar os diferentes espaços da superfície terrestre, teremos inúmeras formas de socializar. E que as verdades não existem, pois, dependem da interpretação de mundo. E a interpretação de mundo é diferente de lugar para lugar. O sujeito precisa valorizar a sua cultura, para depois, conhecer e ser reconhecido. Por isso a importância da Geografia Cultural, em colocar os sujeitos em diálogos culturais, que sirvam para construir uma base sólida no processo da educação cultural. Saber respeitar a cultura do OUTRO, é uma prática educacional que muito merece ser discutida e analisada na formação do sujeito crítico.

Nesta perspectiva entendemos que, desde o processo de colonização do Brasil, foi implantada uma severa maneira de cultivar o indivíduo fazendo dele um objeto que precisava ser ‘enchido’ de cultura, para poder ser socializado. Esse modelo de socialização, resultou no enraizamento do processo de colonização do Brasil. E nos dias de hoje, ainda se vê muitas discriminações por apresentar/ter uma cultura diferente. A educação também deve abranger e interferir em busca de um novo modelo para que os espaços sociais sejam lugares de comunicação, e que suas práticas culturais sejam respeitadas não apenas em seu lugar de origem, mas em qualquer outro espaço e territorialidade. Para isso, o conhecimento é o caminho para a comunicação/integração, em que o sujeito se detém em compartilhar de sua experiência de vida, e de sua cultura, sem precisar se reconstruir para ser ‘aceito’ no lugar.

O que falta nas sociedades é uma consciência cultural e educacional, de que lugares diferentes existem e que nele, o grau de importância dado a um determinado saber, não será o mesmo, portanto não havendo necessidade de ‘choques’ de ideias e opiniões.

A cultura é dinâmica, e se comunica com seu espaço no qual está inserida. A partir do momento que sai do seu LUGAR, terá novos conceitos agregados. Para isso, a necessidade de um sujeito com capacidade de se comunicar, para que saiba compartilhar da sua cultura, assim como com compreender o outro, em que ambos serão reconhecidos, pelos seus significados, suas histórias, e pelos seus valores sociais.

A reconhecimento da diversidade-cultura precisa ser ampliada para que com a educação, os diferentes espaços culturais possam se desenvolver e garantir a valorização de todas as formas de expressão, com seu devido reconhecimento, por ser parte do contexto histórico brasileiro, e que por isso, merece ser vista com relevância, como uma forma de preservar e valorizar as culturas do Brasil, que devido a sua extensão territorial é rica nesses saberes.

A valorização cultural, também é um dos caminhos para uma sociedade mais intelectual, com capacidade de evitar e solucionar problemas, que devido ao consumismo, os sujeitos passam ser mais manobrados, o que faz dele, um ser sem pensamento ativo e sem criticidade, com apenas julgamentos pré-estabelecidos, por não fazer parte de sua rotina. Ao

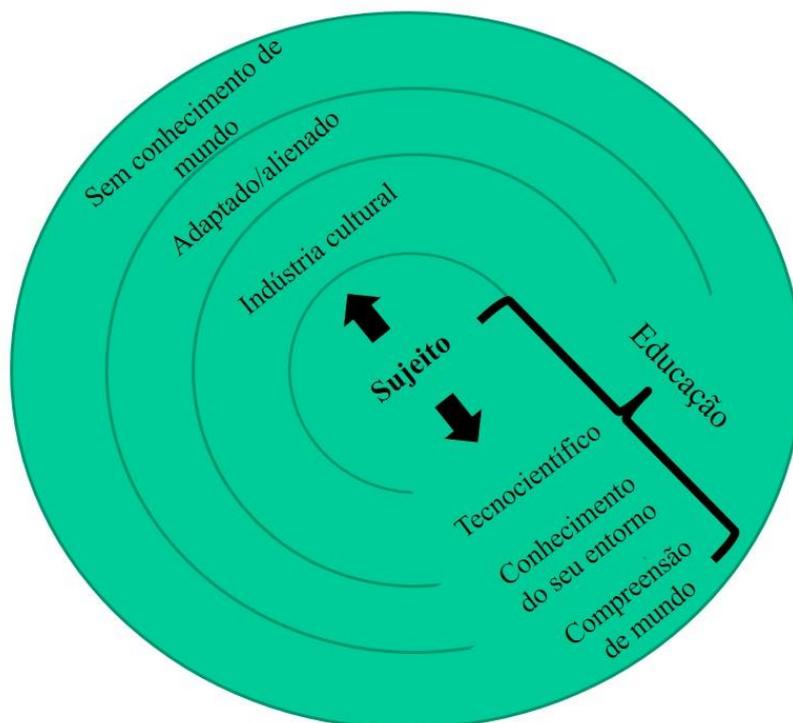
sair desse paradoxo, e enxergar o mundo como ele é, favorece na valorização e desenvolvimento do lugar, pelo seu processo histórico-cultural. Para Lóssio e Pereira (2007, p, 012) é sabido que, quanto mais valorização, vibração das manifestações, crenças e expressões populares mais incentivos e mais oportunidades. Oportunidades que além de desenvolver os indivíduos, fortalece o lugar devido suas ações do cotidiano e suas histórias. Segundo Heller (2000) a vida cotidiana é a vida do homem inteiro, no qual é individual, é heterogênea, é espontânea e hierárquica. Nessa visão, podemos compreender que a vida cotidiana é toda a organização do trabalho e do lazer do indivíduo. O que requer espaços desenvolvidos e sujeitos integrados. Pois, segundo Heller (2000) o homem por ser um produto das relações sociais, não é mais um ser sozinho, ele precisa de integração, de possibilidades e liberdades. Ideias que se assemelham com as ideias de Freire (1967), quando coloca o homem em pleno desenvolvimento, quando este tem sua liberdade, tem sua integração, logo um sujeito capaz de decidir por si. E que através de suas criticidades terá novas alternativas e novas formas de olhar seu entorno, sem alienação. Sem alienação, logo se tem, uma sociedade que pratica a liberdade de escolha, de ideias, e de se manifestar de acordo com seu conhecimento e entendimento.

Temos aqui, a educação na formação de uma sociedade que seja capaz de se comunicar e aprender, com esses diálogos. Educação se faz com integração com o OUTRO, deixando de ser um indivíduo que apenas se adapta ao mundo. É o que Adorno (1995) menciona com o termo de semiformação, onde o sujeito adapta ao que está posto, uma formação regressiva para autor. Esse termo adotado por Adorno, determina a sociedade como produto de dependência do capitalismo, que leva uma falsa integração, ao se alienar por mecanismo que a indústria cultural impõe, e que na verdade, faz é neutralizar suas próprias opiniões. Para Maar (2003, p. 471), a semiformação “refere-se a uma forma ordenada da sociedade contemporânea determinada conforme um certo modo de produção social dos homens, e somente neste âmbito pode ser adequadamente apreendida”.

Essa imposição do que é aprendido por uma indústria de massa, e que exerce uma força sob o indivíduo, faz o sujeito se alienar ao que estão colocando em sua frente. Adorno (1995), usa a semiformação como algo que o sujeito se impede de aprender e educar-se com o outro, por se conformar com imediatismo isolando-se das reais situações que estão acontecendo em seu contexto. E a própria educação que ele usa em seus diálogos escritos, tem-se a educação como forma de fazer o sujeito ter uma visão de mundo, que seja capaz de enxergar que sua realidade não é aquela que o colocaram em sua frente. Que existem muitas entrelinhas que não foram esclarecidas a eles, ou que não deixaram conhecer, ficando assim, um ser preso e adaptado que não é capaz de se colocar na frente das lutas por direito da sua autonomia, sem entender e compreender das mudanças que seu espaço vem conquistando ou perdendo.

Por isso a importância de ser um sujeito que seja capaz de ter a cultura como um processo educativo, que compartilhe de conhecimentos, que discuta suas diferenças e tenha nessas discussões bases para fortalecer o seu papel de cidadão que visa seus direitos, para que a imposição de uma falsa integração da indústria cultural, não lhe ‘roube’ o direito de decidir por seu bem social. E que está na educação deixar de ser manipulado e conhecer o TODO em sua volta, de forma profunda e não superficialmente, pois, deixa brechas para a semiformação. Tornando-se um sujeito sem a real educação (FIG. 17).

Figura 17: O desenvolvimento do sujeito.



Fonte: Silva (2021).

A imagem acima, representa um sujeito que tem opções de escolhas dentro de mundo globalizado e dominado pelas tecnologias, e que vai das suas possibilidades ser alienado ou não. Vale ressaltar que, quem faz suas possibilidades são muitas das vezes o próprio indivíduo, quando este, opta por educar-se, utilizando das ferramentas tecnocientíficas para buscar conhecimento sobre sua realidade e como resultado tem-se a compreensão de mundo. A imagem mostrar que pelo caminho da educação não tem barreiras que impeça a fundamentação do seu saber. Ao contrário, ela abre um leque de conhecimentos, que o torna um ser capaz de compreender o TODO. Enquanto a opção pela indústria cultural, como verdades prontas, faz um sujeito alienado e sem visão de mundo. Não conhecendo o outro lado, sem poder questionar, ou mesmo sem capacidade de dialogar-se com o outro, por contas das barreiras que lhe são impostas, logo, não se educa, permanecendo estável e sendo comandado.

Permanecer estável, não valoriza a cultura de um determinado espaço, por isso, a necessidade de ter a estratégia como forma de criar ou mesmo readaptar esses espaços, para que os sujeitos possam ter um processo de ensino aprendizagem por meios de suas artes e das suas expressões socioculturais. Que ao assistir, prestigiar, ou mesmo participar de uma ação cultural, possam ter um novo olhar diante das situações que ocorre na sociedade.

Para ter esse novo olhar, a ação cultural necessita em um primeiro momento entender o processo histórico social do local, e que a sociedade possa se sentir parte da ação. Pois, o primeiro momento é atrair aqueles que vão ‘consumir’ o produto artístico, seja qual for a representação. Para depois pensar em como dialogar e construir um processo de comunicação, no qual gere informação, mais uma vez a necessidade de conhecer o social, para saber como construir e despertar esses novos olhares.

São esses novos olhares que incluirão os sujeitos nas atividades sociais, como indivíduos ativos e preocupados com que acontece em seu entorno. Explicando essa ideia, não tem como chamar atenção das sociedades ribeirinhas da Amazônia, sobre sua educação, abordando a educação urbana do centro da cidade, deixando de lado a realidade local. Ou

mesmo querer inserir um pensamento crítico por meio da arte, ao usar por exemplo a linguagem da dança cigana em Boa Vista/RR, para chamar atenção dos problemas locais. Sendo essa cultura distante do cotidiano das pessoas.

O movimento ou ação cultural enquanto, uma estratégia para formação e para construção das criticidades dos sujeitos, precisam ir ao encontro da realidade em que vive e presenciam, só assim terão visibilidade, relacionando o social com a cultural, e por sua vez, valorizando a dinâmica local, para despertar um olhar mais crítico sob seu contexto social. Pois a arte, e as expressões socioculturais são capazes de fomentar o pensamento crítico dos envolvidos. Muito se discute sobre o pensamento crítico, do qual os sujeitos precisam ter para construir seus saberes, enquanto ser humano que vivencia o mundo e não apenas vive nele. E aqui, traço três ‘provocações’ sobre a compreensão do que seria a construção do saber? Qual a percepção de ser humano? E como a educação pode interferir nas problemáticas humanas?

A construção do saber não é algo que se possa definir, por dois motivos, sendo o primeiro por se utilizar da palavra ‘construção’, logo, se entende como algo que se formará a partir do que o sujeito se propõe realizar, no que se refere a sua participação no mundo e na sua capacidade de questioná-lo. O saber, por sua vez será construído de acordo com interesse do indivíduo em conhecer além do que lhe é exigido, em todo o seu processo de existência, observando os acontecimentos sociais e construindo sua própria concepção. Aproximando com as ideias de Durkheim (2007), que menciona os fatos sociais, como “coisas”, sendo aquilo que é dado e impõem à observação.

Portanto, a construção do saber, também ocorre de forma individual, do qual cada sujeito terá suas limitações e capacidades de pensar e agir conforme as suas experiências, observações de viver em grupo. O saber/conhecimento será um estímulo que encaixará o indivíduo no mundo, podendo aqui, responder o segundo questionamento, sobre a percepção humana. O ser humano, segundo Aristóteles, necessita de coisas dos outros, por isso o coloca como um ser político e racional, que será favorecido de um pensamento e de uma linguagem. Assim a concepção de ser humano, está em se utilizar dos seus pensamentos e linguagens para se integrar com o mundo e buscar por meios de suas habilidades em reconhecer seu mundo e saber viver nele, e com isso usando de ações culturais para construir novos saberes.

Essa discussão foi necessária, para destacar que a dinâmica cultural também desenvolve o indivíduo, enquanto um ser que idealiza, e que constrói novos saberes. Permitindo um embasamento, de que os movimentos culturais, agregam conhecimento histórico-social-cultural nos seus envolvidos (no caso aqui, as quadrilhas juninas de Boa Vista). As festas juninas em Boa Vista/RR, vem assumindo um papel de usar as práticas culturais, para promover um novo modelo de festa cultural, no qual, novos significados são atribuídos a festa junina em Boa Vista. Sendo a construção dos conhecimentos por parte dos dançarinos, quando estes precisam estudar o tema abordado pela quadrilha, com objetivo de expressar da melhor forma sua temática abordada, e saber se comunicar com os espectadores e saber transmitir sua mensagem aos jurados, com isso utilizando de novos aparatos tecnológicos em suas apresentações. De uma apresentação matuta para uma um espetáculo glamoroso, e com uma nova essência de dançar quadrilha.

No que se refere aos novos significados, temos as festas juninas, que teve origem nos países da Europa, e que foram trazidas pelos portugueses, no início da colonização do Brasil. Uma cultura europeia que se deslocou para o território brasileiro, ganhando uma nova apresentação, com gostos e costumes por parte de quem realizava a festa, sem perder sua essência, porém, foram sendo agregados novos significados no ato e na forma de realizar essa festa. Ou seja, teve o deslocamento da cultura, sem perder toda sua característica por um todo, apenas ganhou uma nova caracterização em sua formatação, com um jeito particular, próprio por quem realiza. Cuche (1991), destaca que, cada cultura é dotada de um “estilo” particular que se exprime através da língua, das crenças, dos costumes, também da arte, mas não apenas

dessa maneira. Este estilo, este “espírito” próprio a cada cultura influi sobre o comportamento dos indivíduos”.

As festas juninas quando adentram no espaço brasileiro, a realidade é diferente dos espaços mais desenvolvidos da Europa. Dessa forma, a festa junina passou a ser realizada de forma mais camponesa, pois esta era a realidade de quem os realizava, camponeses que viviam da roça. Motivo esse, que a festa ganha um traje/comportamento mais interiorana.

A cultura herdada dos europeus se reconhece em novo espaço social, com características mais própria de quem a mantém ‘viva’. Esse reconhecimento está no sentimento de pertencer nesse grupo social, que promove determinada ação. Reconhecer e se sentir parte do movimento cultural, faz com que essa prática seja valorizada, diante das mudanças sociais. O que faz permanecer até os dias atuais. Porém, vale ressaltar que as festas juninas não param de inovar, e com isso a cultura se entrelaça com a ampliação do saber dos sujeitos envolvidos. Essa ampliação do saber está em fazer com que os dançarinos de quadrilhas possam compreender a temática abordada pelo grupo, para que possam se comunicarem através de suas expressões faciais e corporal, coreografia, música e no teatro da dança. O que resulta em novos conhecimentos, ou seja, saber sendo construído por meio da cultura.

Considerações finais

A concepção de ser humano está cada vez mais enraizado na formação do sujeito e com suas atividades. Pois, o ser humano tem em suas funções, a linguagem, a cultura, o pensamento, e é por ele que mundo se transforma. Então, temos aqui a preocupação de como esses indivíduos estão sendo formados. Já que suas ações que produz e reproduz o mundo. Por isso tem-se a necessidade de formar indivíduos ativos no meio social, buscando uma educação que os liberte do imediatismo. A educação em sua totalidade precisa ser, como um ‘produto’ que possa ser consumido por todos, no que refere em pensar no conjunto social em todas as suas conjunturas, ou seja, as atividades humanas devem estar voltadas para propostas que visam o desenvolvimento local através da cultura, educação e formação dos sujeitos sociais.

A educação social é um meio para que os sujeitos possam se utilizar e resolver os problemas que os cerca. E que seus direitos e suas culturas sejam colocados como papéis importantes dentro dos seus contextos. Dessa forma, é perceptível que as festas juninas enquanto um movimento cultural vem se modificando para permanecer presente na sociedade atual, sociedade esta, que cada vez mais se torna dependente do mundo globalizado. Devido a isso, as festas juninas em Boa Vista/RR, acompanham os novos modelos pelo qual passa a sociedade, porém, se preocupa em manter sua originalidade e sua essência. Mas que não deixa de inserir novos significados, sendo um deles a preocupação em trabalhar a formação dos sujeitos envolvidos na quadrilha junina, para uma melhor representação da dança.

Contudo a Geografia Cultural, como intervenção nas práticas culturais, é uma base sólida e concreta para investigar as diversas dinâmicas dos sujeitos sobre o espaço, e como eles constrói e se reconstrói diante das novas exigências que o mundo atual exige. Assim, tanto a Geografia Cultural, quanto os movimentos culturais, precisamente a festa junina aqui apontada, conseguem ser mediadores no processo da formação sociocultural dos seus envolvidos e por essas questões esses movimentos precisam ser valorizados, para que, cada regionalidade tenha em suas culturas, a possibilidade de se desenvolver e ser atuantes em seu meio, como sujeitos que tem conhecimento da sua valorização e importância por suas ações culturais.

Referências

- ANDRUKIU, A. L. M. G. **A interação dos residentes com o espaço e a representação social do turismo a partir da ótica do Antoninenses.** 05/12/2019 205 f. Doutorado em Geografia. Instituição de Ensino: Universidade Federal Do Paraná, Curitiba Biblioteca Depositária: Biblioteca Ciência e Tecnologia.
- ADORNO, T.W. **Educação e emancipação.** São Paulo: Paz & Terra, 1995.
- BASTOS, C. L., & KELLER, V., & MARTIM, I.; LENGRAND, P. (2002). **Aprendendo a aprender:** introdução à metodologia científica. (16. Ed). Vozes.
- CLAVAL, P. C. **Geografia cultural:** um balanço géographie culturelle: un solde. Revista Geografia (Londrina), v. 20, n. 3, p. 005-024, set./dez. 2011.
- CORRÊA, R. L. **Sobre a Geografia Cultural** Departamento de Geografia – UFRJ. Publicado no site em 16/11/2009.
- CUCHE. D. **A noção de culturas nas ciências sociais.** São Paulo: EDUSC, 2ª ed. Tradução: Viviane Ribeiro, 2002.
- DURKHEIM, É. **As regras do método sociológico.** Martins fontes. 2007.
- FRANZ, J. C. **Imigração e Colonização Alemã no Vale do Taquari/RS: as continuidades e descontinuidades do processo de identificação territorial'** 24/01/2020 278 f. Doutorado em Geografia Instituição de Ensino: Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria Biblioteca Depositária: Biblioteca Central.
- FREIRE, P. **Educação com prática de liberdade.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.
- GOMES, G. DE L. **Protagonismo sociocultural do Zé Pereira Do Club Dos Lacaio em Ouro Preto/ MG: paisagem festiva e patrimônio intangível'** 20/04/2018 undefined f. Doutorado em GEOGRAFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: undefined.
- GONCALVES, L. R. F. **Discursos e representações sobre identidades territoriais nas políticas de turismo em Goiás'** 29/05/2018 314 f. Doutorado em GEOGRAFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, Goiânia Biblioteca Depositária: Biblioteca da UFG.
- HELLER, A. **Estrutura da vida cotidiana.** In O cotidiano e a história. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 17-42. LEO MAAR, Wolfgang. Adorno, semiformação e educação. Educ. Soc., Campinas, vol. 24, n. 83, p. 459-476, ago. 2003.
- LIMA, F. J. L. A. P. **Santuários católicos oficiais comuns e fabricados na região sul do Brasil: economia, desenvolvimento e significados.** 03/04/2020 199 f. Doutorado em GEOGRAFIA Instituição de Ensino: Universidade Estadual De Maringá, Maringá Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Universidade Estadual de Maringá.
- LÓSSIO, R. A. R. PEREIRA, C. de M. **A importância da valorização da cultura popular para o desenvolvimento local.** III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado entre os dias 23 a 25 de maio de 2007, na Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil.
- MALTA, J. A. O. **Fitogeografia urbana e condicionantes socioambientais em Aracaju-SE.** 24/08/2018 263 f. Doutorado em GEOGRAFIA Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, São Cristóvão Biblioteca Depositária: UFS.
- MENESES, K. A. C. G. **Memória de Karbala: A construção do território matriz na**

- cidade de São Paulo.**' 20/08/2019 201 f. Doutorado em GEOGRAFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: <http://www.rsirius.uerj.br/novo/index.php/bibliolista/tecnologia-e-ciencias/ctc-c>.
- MESQUITA, L. A. P. **Saberes e fazeres de mulheres assentadas: relações de gênero e os processos de empoderamento no território do Vão do Paranã (GO)**' 02/04/2019 279 f. Doutorado em GEOGRAFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, Goiânia Biblioteca Depositária: Banco de teses e dissertações UFG.
- NOVO, C. L. da. C. **Tomorrowland: imaginações geográficas, corporeidade e a perspectiva experiencial do lugar festivo.**' 30/10/2019 453 f. Doutorado em GEOGRAFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: <http://www.rsirius.uerj.br/novo/index.php/bibliolista/tecnologia-e-ciencias/ctc-c>.
- PEREIRA, L. D. A. **“A paisagem cultural às margens do rio Todos os Santos na cidade de Teófilo Otoni, Minas Gerais”** 18/12/2018 181 f. Doutorado em Geografia - Tratamento da Informação Espacial Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: PUC Minas.
- ROMCY, P. DE. O. **A contribuição da estrutura de sentimento dos artesãos do couro para o Cariri cearense**' 05/02/2018 179 f. Doutorado em GEOGRAFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ, Fortaleza Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DA UECE.
- SANTOS, F. S. O. DOS. **Identidades Territoriais nas Comunidades Afrodescendentes Urbanas: do cerrado de Goiás aos igarapés do Amapá**' 27/09/2019 undefined f. Doutorado em GEOGRAFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, Goiânia Biblioteca Depositária: Repositório UFG.
- SANTOS, I. R. DA.S. **A vida ribeirinha no lugar: da degradação do rio Cuiabá à introdução das peixarias em São Gonçalo Beira Rio e Bonsucesso - MT**'. 15/04/2019 252 f. Doutorado em GEOGRAFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, Goiânia Biblioteca Depositária: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações UFG.
- SANTOS, J. C. **Paisagem cárstica e turismo no estado de Sergipe**' 10/05/2019 209 f. Doutorado em GEOGRAFIA Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, São Cristóvão Biblioteca Depositária: BICEN UFS.
- SANTOS, L. D. L. **Paisagem e cultura: transformações na pequena propriedade rural norte paranaense entre 1950 e 1980.** 29/03/2019 203 f. Doutorado em Geografia Instituição de Ensino: Universidade Estadual De Maringá, Maringá Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Universidade Estadual de Maringá.
- SILVA, I. L. O. **Rodas em redes geográficas: os caminhos devocionais das caravanas de São Francisco das Chagas de Canindé – CE**' 30/07/2019 159 f. Doutorado em GEOGRAFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, Fortaleza Biblioteca Depositária: Biblioteca Central.
- SILVA, L. M. O. S. **A Paisagem do Cariri cearense (séc. XIX - XX)**' 28/03/2019 207 f. Doutorado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis Biblioteca Depositária: BU/UFSC.
- SOUSA, R. E. M. **“Aqui tudo é do rio, se ele quer levar, deixa levar”:** gênero, identidade e lugar das mulheres ribeirinhas em Nazaré, Porto Velho, Rondônia' 17/01/2019 160 f. Doutorado em GEOGRAFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, Goiânia Biblioteca Depositária: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações UFG.
- SOUZA, R. N. DE. **Alfama, Mouraria e Bairro Alto: distintas territorialidades e a**

constituição de processos diferenciados de territorialização do fado na cidade de Lisboa.'
20/06/2018 199 f. Doutorado em GEOGRAFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária:
<http://www.rsirius.uerj.br/novo/index.php/bibliolista/tecnologia-e-ciencias/ctc-c>.

**STRACHULSKI, J. Kagwyrí'pe Jihoi: O território como fundamento do saber
tradicional Parintintin na Aldeia Traíra da Terra Indígena Nove de Janeiro, Humaitá -
AM'** 28/06/2018 339 f. Doutorado em GEOGRAFIA Instituição de Ensino:
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, Ponta Grossa Biblioteca Depositária:
<http://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/2648>.

